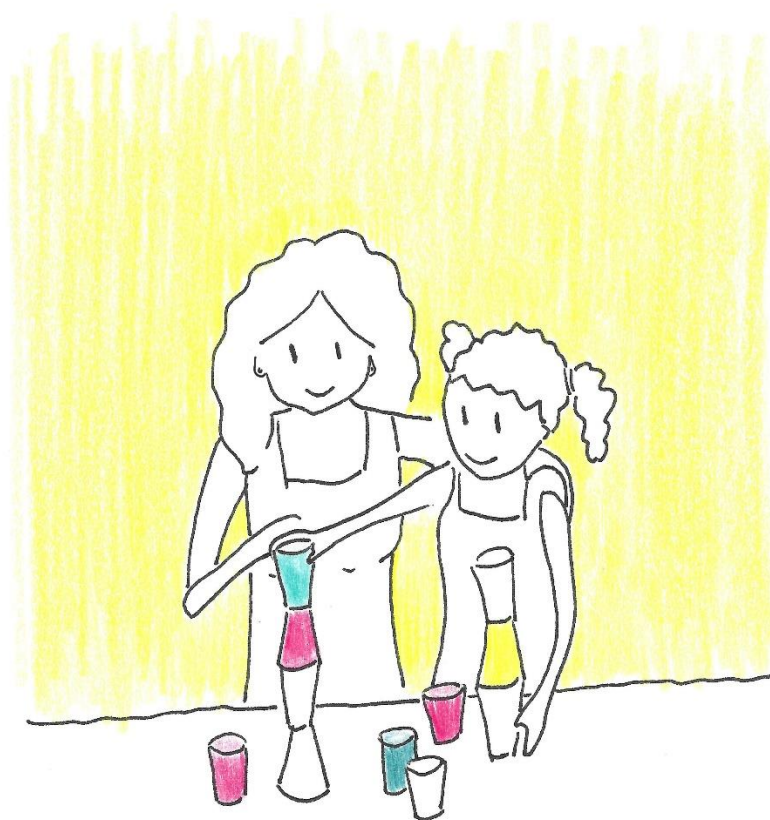


Habilidades socioemocionais



**Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:
Habilidades socioemocionais**

Original: educacion.press/2018/10/04/terminos-y-mentalidades-habilidades-socio-emocionales/

Em geral, escutamos que a educação emocional, por ser um ato educativo mais, consiste em adquirir uma série de competências, neste caso, as socioemocionais; em tal caso, o que se busca é dar ferramentas à pessoa para que ela saiba situar-se diante de um acontecimento emocional, com os recursos suficientes para não se ver afetada de tal forma pelo evento emocional e que isso lhe impeça de alcançar

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.



os seus propósitos individuais. Ou ainda mais, para que saiba aproveitar tal acontecimento emocional para favorecer tais propósitos.

Obviamente, não faltam boas intenções nesse modelo. Mas, não se deve esquecer que as competências não deixam de ser competências e admitem muitas formas de serem utilizadas. Ou seja, por exemplo, um martelo é uma ferramenta e alguém poderia argumentar que uma coisa é aprender a usar o martelo e outra coisa será para que se use este martelo. Da mesma forma, se poderia falar de habilidades ou competências.

A habilidade se diferencia da ferramenta no fato de que a habilidade é da pessoa, enquanto a ferramenta é algo independente da pessoa. A competência não deixa de ser uma habilidade a que se agrega uma grande versatilidade e transferência. Mas, salvando essa diferença, ferramentas, habilidades e competências compartilham o mesmo problema.

Assim como o martelo pode ser usado para pregar pregos, também pode ser usado para bater em alguém. Exatamente o mesmo acontece com a habilidade e a competência e não é estranho ver como, às vezes, alguém as usa para manipular outras pessoas (Isso já foi denunciado por Platão, ao ver que alguns consideravam que educar era aprender técnicas desligadas da vida e o resultado era que usavam a técnica para ir contra os outros).

Diante desse problema, há quem argumente que tal educação competencial deve completar-se com uma educação em valores. Mas afirmar isso supõe responder afirmativamente à pergunta de que se pode independizar o que se ensina do para que se ensina. Pessoalmente, penso que não se pode independizar, pois não se pode ensinar por um lado as habilidades, a competência ou a ferramenta e, logo, por outro lado, completá-lo com essa educação em valores, porque a solução não é ensinar as duas (competências + valores), senão buscar outra maneira de ensinar.

A mentalidade de educar por complementos é uma “farsa”, porque o que já tem significado por um lado, por que completá-lo? E, se é tão necessário o complemento, como é que ele não estava antes? Ademais, os que falam de educação em valores os entendem como uma realidade objetiva, reconhecível e estandar, por isso creio que eles ignoram o que em verdade é um valor (ver o termo Valor).



Voltemos ao tema de habilidades e competências, neste caso, socioemocionais. De forma simplificada, poderíamos dizer que estas buscam dar recursos de ordem psicológica, ao estilo de estratégias que permitam situar-se ante um evento emocional de forma segura. Por exemplo, se quero comprar-me algo que vale 100 euros e só tenho 50, me frustro. Como situar-me diante dessa experiência frustrante? Pois, por exemplo, implementar certos recursos psicológicos como dizer: "Pois não o precisava tanto.", ou "Bem, não tenho isso, mas tenho esse outro.". Esta proposta, com toda a sua boa intenção, tem vários grandes problemas: **A proposta de educação em habilidades socioemocionais ignora o que é ação humana, a comunicação humana e a realidade emocional.** Vejamos por partes.

Ignora o que é a ação humana, a qual tem três dimensões que podemos chamar: interior, psicológica e comportamental. Obviamente, nenhuma dessas dimensões pode ativar-se com independência. Já Aristóteles apontou que todas as nossas ações se voltam sobre nós e nos configuram no que somos. Por isso, nosso interior se faz presente em nossos comportamentos. Igualmente, não cabe dimensão comportamental sem uma ativação psicológica e vice-versa. As habilidades socioemocionais pretendem situar-se na dimensão psicológica sem afetar a interioridade. É o que pretendem, quando tentam ensiná-las como meros recursos, a modo de conselhos ou receitas, como quem implementa uma gama ampla de ferramentas para que usem segundo o objeto que tenha que ser manipulado.

Mas os filósofos da educação sabem que não se pode separar o que se ensina, o como se ensina e o para que se ensina. Negar tal separação é uma forma de dizer que as três dimensões da ação humana devem ensinar-se simultaneamente, pois assumir uma postura sobre uma das três afeta as outras duas. Ademais, no atuar humano, as três estão sempre presentes. Em vez disso, descobrimos que, ensinando habilidades desconectadas da interioridade, se está ensinando que a ação não é mais que uma questão técnica que não afeta a interioridade da pessoa. Mas, na verdade, tomar certas posturas sobre a realidade sempre nos afeta em nossa interioridade.

Em UpToYou, afirmamos: não se trata de aprender a fazer, mas aprender a ser. Isso não implica esquecer-se do aprender a fazer, pois não há forma de aprender ser sem aprender a fazer. Aprendemos a ser vivendo (fazendo), logo, aprender a



ser implica aprender a fazer. Mas não o contrário. Ou seja, duas pessoas podem fazer o mesmo com duas formas muito distintas de ser.

O ato humano surge da interioridade humana, se expressa com dimensões psicológicas e se concretiza em comportamentos concretos. É preciso ajudar a que as pessoas atuem desde sua interioridade, em um diálogo de intimidade a intimidade, com outros seres humanos. A proposta de habilidades socioemocionais pretende ensiná-las ignorando a interioridade da pessoa, ao apresentá-las como umas técnicas psicológicas que afetam somente a níveis comportamentais. As habilidades socioemocionais, portanto, acabam dividindo a interioridade da ação humana. Mas o problema é que as dimensões da pessoa não são divisíveis; por isso, o que na verdade estão ensinando é a comportar-se anti-humanamente.

A proposta de habilidades socioemocionais ignora também o que é comunicação humana. A singularidade da comunicação humana está em que o primeiro que avaliamos ao relacionar-nos com alguém é a intencionalidade do outro sobre nós. Não é que simplesmente avaliemos qual é a ação que pretende fazer o outro e qual será o efeito que terá sobre nós. Isso já fazem os animais, mas os humanos, ademais, avaliamos que consideração a outra pessoa tem de mim: em suas ações, está me acolhendo ou rejeitando como pessoa? Nós seres humanos somos extremamente inteligentes para detectar tal intencionalidade, que é de ordem pessoal. Nós a cheiramos, sentimos, respiramos, em uma palavra, a intuímos. E quando a detectamos, muda radicalmente a forma de interagir com a outra pessoa.

Isso não é uma deficiência, senão uma grande vantagem. Por que acolher o que o outro me diz se ele não quer o meu bem? Sabendo disso, imaginemos que uma pessoa tenha aprendido a habilidade socioemocional de que olhar nos olhos de outra pessoa, sorrir a ela e tomar uma postura corporal concreta, com seu tom de voz pertinente, aumenta consideravelmente as probabilidades de que o outro acredite no que se lhe diz. E faz isso sem que isso nasça de sua interioridade. O outro vai cheirar e detectar sua verdadeira intencionalidade e, assim, a suposta habilidade, em lugar de ajudar a comunicação, a impedirá, pois o outro notará que quiseram manipulá-lo. Existem pessoas que, de tão educadas que são em suas expressões, são asquerosamente educadas, pois suas amostras educadas não falam de um ser que acolhe o outro, mas, na verdade, de um muro protetor para impedir que o outro se aproxime.



Essa habilidade de aprender a cheirar a intenção a criança está aprendendo em casa, e é, no fundo, o que vai dar credibilidade e autoridade aos pais.

Por último, a proposta de habilidades socioemocionais ignora a realidade emocional, porque atribui a carga emocional ao evento e isto não é verdade nem sequer no caso dos animais, onde não se pode entender sua reação emocional sem saber como se situa esse evento no contexto dos outros eventos que viveu e vive. O evento não tem carga emocional à margem da relação dessa experiência com experiências passadas. E, embora o animal viva fechado no presente (só o ser humano tem o tempo), o passado o afeta como ponto de partida para seu presente.

Mas, no ser humano, a complexidade é muito maior. Porque se, no animal, a reação emocional fala da história vivida, no ser humano, as emoções falam de si mesmo, pois o ser humano se emociona desde sua interioridade. No animal, as emoções acontecem nele, mas não falam dele, senão de suas interações com o contexto ao longo de sua história. As emoções animais têm uma dimensão meramente reativa; são de acordo com sua natural forma de sentir o entorno: por outro lado, no ser humano, as emoções não só ocorrem nele, senão que são suas. No ser humano, a própria interioridade está ativa em sua experiência emocional, pois a postura existencial que essa pessoa vive será determinante para que a realidade emocional aconteça, de uma forma ou de outra. Como se entende a vida, as relações, o mundo e a si mesmo, e como se deseja situar em relação a ele, marca uma postura existencial que afeta todos os níveis da experiência emocional. Por isso, a proposta de habilidades socioemocionais estaria muito bem para os animais, mas não para as pessoas. Estaria muito bem para os animais porque as emoções ocorrem neles, mas não falam deles, senão do impacto de algo exterior em sua atualidade, onde seu passado se condensa. Aprender a tomar posturas protetoras diante dessa realidade exterior ou inclusive aproveitar para a consecução dos próprios objetivos poderia estar muito bem. No entanto, no ser humano, a emoção não só ocorre nele senão que fala dele, pelo que tomar uma postura protetora ante isso seria considerar-se a si mesmo como inimigo.

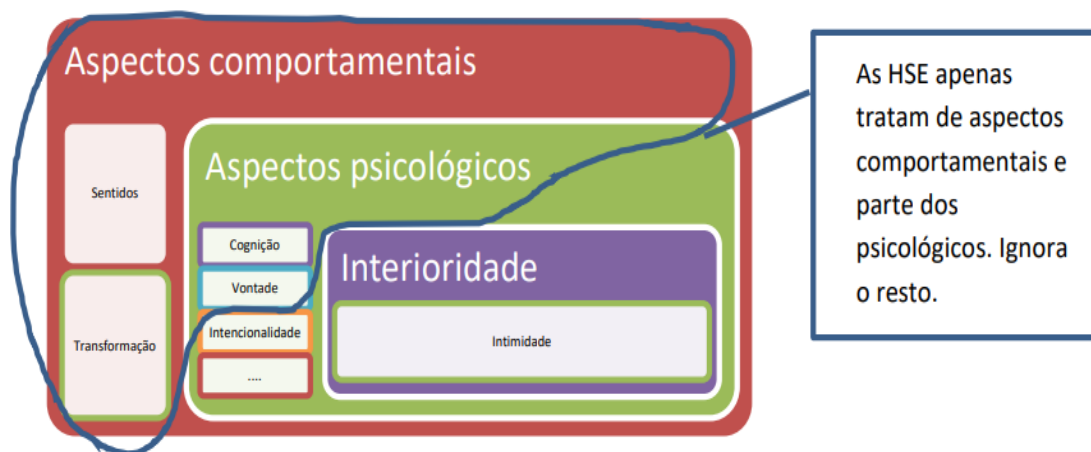
Não cabe à pessoa implementar habilidades socioemocionais para atuar sobre um objeto exterior, entre outras coisas, porque o objeto emocional é interior. O que necessita a pessoa é conhecer bem por que sente como sente para crescer no autoconhecimento emocional. E conhecendo-se, conhecerá melhor qual é sua

postura existencial de fato e isto a levará a perguntar-se, não só: “Que tipo de pessoa sou eu?”, senão também: “Que tipo de pessoa quero ser?”

Não deixem que animalizem seus filhos e alunos, não se trata de ensinar a fazer as coisas, mas de aprender a ser. Não podemos perder a interioridade em nenhum momento, pois, do contrário, correremos o risco de não recuperá-la.

Para acabar, o desenho a seguir quer expressar a diferença entre educar habilidades socioemocionais ou educar a atuar desde a interioridade em um diálogo de intimidades.

Ensinar habilidades socioemocionais:



Ensinar a atuar desde o interior em diálogo de intimidades:

